



1. BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

José Maria Eça de Queirós nasceu a 25 de novembro de 1845, em Póvoa de Varzim, Portugal. Em 1861, aos 16 anos, iniciou seus estudos de Direito na Universidade de Coimbra. Em 1865, ocorreu a famosa *Questão Coimbrã*, da qual, entretanto, Eça de Queirós não participou. No ano seguinte, concluiu seu curso, foi para Lisboa e de lá para Évora. Em 1868, regressou a Lisboa, e participou do grupo do *Cenáculo* junto a outros escritores realistas e ao qual se integrará o poeta Antero de Quental no ano seguinte. Em 1869, Eça viajou para o Cairo, onde assistiu à inauguração do Canal de Suez e fez uma reportagem que apareceria em *O Egito* (1926). O seu nome firmou-se no cenário cultural português em 1871, durante as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, quando foi brilhante em sua palestra sobre o Realismo (*A nova literatura* ou *O realismo como nova expressão da arte*). Mais tarde as conferências foram proibidas e ele fundou com Ramalho Ortigão o folheto mensal *As farpas*. Também em 1869 foi administrador do Concelho em Leiria.

Em 1872, depois de ter sido preterido num concurso para cônsul de Portugal no Brasil, Eça foi nomeado cônsul para Havana. Entre 1874 e 1878, serviu em Bristol, Inglaterra, e depois foi transferido para Paris.

Os últimos 27 anos de vida, Eça de Queirós passou-os fora de Portugal. Em Paris, surgiram obras literárias, um casamento e quatro filhos. Entre problemas com sua saúde e a dos filhos, houve muito trabalho, correções de provas de livros, páginas e páginas de manuscritos entregues apressadamente aos editores e também tarefas diplomáticas. Tanta ocupação e dificuldade não impediram o artista do prazer das viagens com seus familiares a Portugal, onde fazia visitas e participava das reuniões com os amigos do grupo *Os vencidos da vida*. O grupo era formado por “ex-realistas”, os mesmos companheiros do *Cenáculo* da juventude: Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Teófilo Braga e tantos outros.

No dia 16 de agosto de 1900, faleceu em Paris, três meses antes de completar 55 anos, Eça de Queirós, considerado o representante máximo do Realismo-Naturalismo em Portugal.

OBRAS

- **Primeira fase:** *Prosas bárbaras*, *O mistério da estrada de Sintra* (1870).
- **Segunda fase:** *O crime do padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878), *O mandarim* (1879), *A relíquia* (1887) e *Os Maias* (1888).
- **Terceira fase:** *A ilustre casa de Ramires* (1900), *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A cidade e as serras* (1901), *A capital* (1925), *O conde d'Abranhos* (1925).

2. INTRODUÇÃO

A cidade e as serras é um romance da terceira fase de Eça de Queirós, iniciada com a publicação de *A ilustre casa de Ramires*. Ao contrário da fase anterior, marcada por sátiras destrutivas à sociedade portuguesa, nesta fase encontramos uma espécie de pacificação no artista, que substitui o pessimismo amargo das obras anteriores por uma visão mais otimista de sua pátria. Especificamente nesta fase, o tom amargurado do autor socialista, que vê sua pátria mergulhada na decadência socioeconômica e moral, é substituído por momentos de esperança e reconciliação com o caráter do homem lusitano. Na visão de Eça, esse brotar da esperança só poderia vir do interior de Portugal, onde a alma nacional ainda não havia sido contaminada pelos falsos valores burgueses dos grandes centros. Nesse espaço, aparentemente desligado dos valores tecnológicos do mundo urbano, cultivava-se ainda os grandes preceitos e sonhos que sempre marcaram a alma lusíada. No campo, havia, ainda, uma vida sempre renovada pelo trabalho junto da natureza, pelos bons ares da região serrana e também pela boa comida típica do interior, sempre regada com os confiáveis vinhos locais.

É o elogio a esse mundo tantas vezes esquecido por causa do burburinho dos grandes centros que vai marcar a segunda parte de *A cidade e as serras*. Embora o núcleo do romance seja a oposição entre a cidade e o campo, é neste que o protagonista encontrará o refúgio e o refrigerio para sua alma cansada de procurar felicidade na cultura e na ciência. Toda a primeira parte do romance passa-se em Paris, onde Jacinto vive e de onde não pretende sair, porque só se sente seguro e protegido no meio da multidão, da tecnologia e do conforto. Jacinto exalta os valores dessa vida urbana, tecnológica e culta, mas ainda assim percebemos que o narrador, Zé Fernandes, não poupa sua ironia ao descrever a alta sociedade que cerca seu amigo. A segunda parte revela um outro Jacinto, que descobriu na vida campestre a alegria de viver que lhe faltava em Paris. Esse novo Jacinto reencontra a felicidade na vida simples em sua quinta de Tormes e passa a desprezar o mundo artificial e agitado que o cercava em Paris. É desse conflito que nasce a narrativa.

3. ANÁLISE E RESUMO DA OBRA

I. “O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival.” (QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 9.) Jacinto nasceu rico e possui terras no Alentejo. “A sua quinta¹ e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. [...] Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, nº 202.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 9.)

A história de Jacinto em Paris começa com seu avô, o gordíssimo e riquíssimo d. Galião, que uma tarde, em Portugal, escorrega numa casca de laranja e cai sobre o lajedo. D. Galião é socorrido por um homem moreno, que o levanta com facilidade, apanha-lhe a bengala e diz: “— Oh Jacinto Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 9.) É o próprio infante d. Miguel³. Desde essa tarde, Galião passa a admirar ainda mais o infante, a ponto de dependurar em

casa um retrato de seu salvador e embaixo a bengala que ele apanhara. Ao saber que d. Miguel seguira para o desterro em Sines, afirma que também não ficará em Portugal. Embarca para a França com a mulher e com o filho, Cintinho, “menino amarelinho, molezinho, coberto de caroços e leicenças⁴”. (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 9.)

Em Paris, Jacinto Galião compra o palacete nos Campos Elísios e, um tempo depois, morre de indigestão. A viúva permanece em Paris e deixa que o menino decida para onde ir quando crescer. Cintinho cresce sempre doente, casa-se com a filha rechonchuda do Desembargador Velho. Deixa-a grávida antes de morrer. Três meses e três dias depois de sua morte, nasce Jacinto, que cresce saudável e tem facilidade para aprender as letras, a tabuada e o latim. Jacinto é sempre admirado pelos colegas por sua inteligência e não padece sofrimentos, *do amor, só experimentou o mel*. Por ser sempre um indivíduo de sorte, para quem a vida sempre sorri e traz alegrias e prazeres, os amigos chamam-no “*Príncipe da Grã-Ventura*”.

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontramos e acamaradamos em Paris, nas escolas do Bairro Latino, para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do Doutor Pais Pita.⁵

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 11.

Já em 1875, Jacinto concebe a idéia de que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 11.) Para ele, homem civilizado é aquele que adquire todos os conhecimentos da cultura e multiplica a potência de seu corpo através dos mecanismos inventados.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 e 1875⁶ [...] estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da mecânica e da erudição.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 12.

Um dos moços do cenáculo, Jorge Calende, reduz a teoria de Jacinto a uma forma algébrica: **suma ciência × suma potência = suma felicidade**.

¹ Chácara ou sítio.

² Através do narrador José Fernandes fica-se sabendo que Jacinto vive confortavelmente em Paris desde o nascimento e não em sua propriedade em Tormes.

³ O infante D. Miguel, irmão de D. Pedro I do Brasil, governa Portugal e entra em luta com D. Pedro pela coroa portuguesa.

⁴ Furúnculos.

⁵ O comportamento agressivo de José Fernandes não é fruto apenas da juventude, mas resultado de sua origem interiorana.

⁶ O início desse período coincide com a formação do grupo de intelectuais de Lisboa chamado *Cenáculo*, do qual fizeram parte Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Antero de Quental e outros importantes intelectuais realistas.

Jacinto vive de acordo com sua teoria, acreditando que devemos nos “cercar de civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver”. Para Jacinto, a idéia de civilização não se separava da imagem de uma enorme cidade, “com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente”.

“— Aí tens, o fonógrafo!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a cidade, Zé Fernandes, não há senão a cidade!⁷” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 12-13.)

Jacinto treme com o terror da fragilidade e da solidão do campo, um mundo que não lhe é fraternal:

Se gemesse com fome nenhuma árvore, por mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva de um ramo. Depois, em meio da natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 13-14.

Para ele, o campo esteriliza toda a intelectualidade e resta apenas a bestialidade.

Durante um passeio ao campo, às flores de Montmorency, Zé Fernandes testemunha que esses sentimentos são reais. Jacinto fica cheio de desconfiança e terror, teme as víboras e outras formas rastejantes. As flores desconhecidas parecem-lhe venenosas.

Depois de uma hora, naquele honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir da alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desanuviou quando penetramos no lajedo e no gás de Paris [...].

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 14.

Jacinto está então com vinte e três anos, e é um moço soberbo e bem vestido.

Em fevereiro de 1880, José Fernandes recebe uma carta do tio que pede a sua volta a Guiães para gerenciar seus bens. Afonso Fernandes sofre das hemorróidas. José Fernandes pensa na sopa dourada de sua tia Vicência e sente saudades da serra. Arruma as malas assoviando um fado meigo. À tarde comunica a Jacinto que parte para Guiães. Jacinto recua com um surdo gemido de espanto e piedade: “— Para Guiães!... Oh Zé Fernandes, que horror!” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 15.)

Durante toda a semana, aconselha José Fernandes a levar consigo confortos para conservar “uma pouca de alma dentro de um pouco de corpo.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 15.) A mágoa com que Jacinto

acompanha José Fernandes à estação faz o narrador sentir saudades de si mesmo.

Durante todo o período que permanece em Portugal, José Fernandes recebe apenas algumas linhas de Jacinto, escrevinhadas à pressa no tumulto da civilização. Com a morte do tio num setembro muito quente, Zé Fernandes volta a Paris.

II. José Fernandes permaneceu sete anos em Guiães. Já em Paris, encontra Jacinto quando desce a avenida dos Campos Elísios em direção ao 202. “O abraço que nos enlaçou foi tão alvoroçado que o meu chapéu rolou na lama.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 16.) José Fernandes nota as mudanças no palacete: um elevador liga os dois andares. É espaçoso, tapetado, com um divã, uma pele de urso, um roteiro das ruas de Paris e prateleiras gradeadas com charutos e livros. A temperatura da antecâmara em que desembarcam é controlada por um criado, sempre atento ao termômetro. Na biblioteca, José Fernandes tropeça numa pilha monstruosa de livros novos. Há mais de trinta mil volumes no palacete. José Fernandes não contém a admiração: “— Oh Jacinto! Que depósito!” Estranha ainda os aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas, rigidez de metais.

— E acumulaste civilização, Jacinto! Santo Deus... Está tremendo, o 202!

Ele espalhou em torno um olhar onde já não faiscava a antiga vivacidade:

— Sim, há confortos... Mas falta muito! A humanidade ainda está mal apetrechada, Zé Fernandes... E a vida conserva resistências.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 17.

São interrompidos pela campainha do telefone. Zé Fernandes aproveita para examinar sobre a mesa de trabalho uma estranha e miúda legião de instrumentos de metal. Tenta manejar um, mas uma ponta pica seu dedo.

Nesse instante rompeu de outro canto um tique-tique-tique⁸ açodado, quase ansioso. Jacinto acudiu com a face no telefone:

— Vê aí o telégrafo!... Ao pé do divã. Uma tira de papel que deve estar a correr.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 17.

Jacinto não se interessa pelas notícias que Zé Fernandes lê para ele. Pede que o amigo espere pois tem uma carta para escrever. Depois de desenvolver sua curiosidade por todo o aposento da biblioteca, Zé Fernandes depara-se com um aparelho com um funil e um cordão que emerge de um orifício. Do aparelho sai uma voz a sussurar:

⁷ Jacinto exalta a vida urbana, com sua agitação e movimento contínuo, como a suma felicidade, em detrimento da vida no campo, rudimentar e bruta.

⁸ Fig.: onomatopéia.

“— ... E assim, pela disposição dos cubos diabólicos, eu chego a verificar os espaços hipermágicos!...” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 19.) Jacinto explica que é o *conferençofone*, exatamente como o teatrofone, mas aplicado às escolas e conferências. José Fernandes fica sabendo que a voz do conferençofone é o coronel Dorchas com suas cansativas lições de metafísica.

Jacinto convida Zé Fernandes para jantar com ele e uns amigos: um psicólogo feminista e um pintor mítico. Zé Fernandes recusa, porque está mal vestido com as roupas feitas pelo alfaiate da serra. Precisa entrar em toda aquela civilização lentamente, com cautela para não rebentar. “Logo na mesma tarde a eletricidade, e o conferençofone, e os espaços hipermágicos e o feminista e o etéreo, e a simbolia devastadora, é excessivo! Volto amanhã.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 19.) Jacinto sugere que venha antes do almoço com as malas, para instalar-se no 202. Depois, chama seu criado Grilo por um tubo, para comunicar que Zé Fernandes ocupará o quarto do avô Jacinto. Manda Grilo entregar a carta a madame de Oriol e preparar seu banho, água tépida a 17 graus.

Curioso, José Fernandes quer saber para que servem os instrumentozinhos. Jacinto explica que são utilizados no escritório: um arranca penas velhas, outro numera rapidamente as páginas de um manuscrito, outro raspa emendas, outro cola estampilhas, imprime datas, derrete lacres, cinta⁹ documentos.

Jacinto conduz o amigo à sala de jantar para tentá-lo a ficar. Zé Fernandes espanta-se com o que vê: a cada talher correspondem seis garfos, só dois copos para dois tipos de vinhos, um Bordéus rosado e champagne. Há vários tipos de águas em garrafas bojudas num aparador. Zé Fernandes pergunta se Jacinto ainda é o mesmo tremendo bebedor de água. Jacinto olha para as garrafas desconsolado e nega a pergunta do amigo. Disse que é porque as águas da cidade estão contaminadas, atulhadas de micróbios. Não encontra uma boa água que o satisfaça. “Até sofro sede.”¹⁰ Afirma também não ter nunca apetite. Os convidados terão laranjas geladas em éter de sobremesa. Zé Fernandes espanta-se. Jacinto explica: “— É novo... Parece que o éter desenvolve, faz aflorar a alma das frutas”... José Fernandes murmura: — “Eis a civilização!”

Zé Fernandes desce os Campos Elísios, cogitando a rudeza e o atolado atraso de sua Guiães, “onde desde séculos a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aqueles pomares que ensombram e perfumam o vale, da Roqueirinha a Sandofim!” E conclui: “Bem se afirmara este Jacinto, na verdade, como Príncipe da Grã-Ventura!” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 21.)

III. Já hospedado no 202, Zé Fernandes vai diariamente ao quarto de Jacinto às nove horas da manhã. Encontra o amigo banhado, barbeado, friccionado e envolto num roupão de pêlo de cabra do Tibete diante de sua penteadeira atulhada de utensílios de tartaruga, marfim, prata, aço e madrepérola. Jacinto penteia-se com diversas escovas, que diariamente mudam.

Os compromissos sociais de Jacinto seguem-se ao ritual do banho. Jacinto consulta a agenda para saber as ocupações do dia. Entedia-se com essas ocupações. A todo momento exclama: “É uma seca”¹¹. Quando sobra tempo na agenda, Jacinto e Zé Fernandes passeiam depois do almoço. Zé Fernandes descobre que todo o movimento das pessoas nos *boulevards* aflige Jacinto pela brutalidade da pressa, do egoísmo. E também percebe nas palavras do amigo um imenso fastio de todas as coisas que sempre exaltara na cidade. Arrefece¹² a devoção de Jacinto pela vida urbana, que chega mesmo a concordar com Zé Fernandes quando este chama Paris de “grosseiro bazar”. Ainda assim, Jacinto insiste que Paris é um maravilhoso organismo.¹³

Numa das noites de sábado, rebenta no lavatório um tubo ou a torneira. O vapor quente atinge o Grilo. Todo o 202 mostra a rebelião das forças da natureza. “Diante do portão, atraídas pela fumarada que se escapava das janelas, estacionava polícia, uma multidão. E na escada esbarrei com um repórter, de chapéu na nuca, a carteira aberta, gritando sofregamente ‘se havia mortos?’” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 26.) A agitação da imprensa ao divulgar o fato aumentou ainda mais o enfado do rico Jacinto. Zé Fernandes aproveita que Jacinto lhe estende um telegrama de seu amigo o grão-duque Casimiro, para perguntar quem é Diana, que está sempre a escrever, telefonar ou telegrafar para o amigo. Jacinto revela que é uma *cocotte*¹⁴ que divide com outros sete homens ricos para diminuir os custos dos gastos luxuosos da moça.

⁹ Coloca faixa de papel ou tecido em documentos.

¹⁰ A ironia de Eça de Queirós é clara nesse capítulo, porque mostra que todo o elogio da vida urbana perde seu sentido quando o ser humano não consegue viver bem com os benefícios da vida civilizada.

¹¹ A expressão, comum em Portugal, significa “que chato”.

¹² Enfraquece.

¹³ O protagonista começa a dar sinais de um imenso tédio com a agitação da cidade grande.

¹⁴ Cortesã, prostituta de luxo.

Zé Fernandes descobre também que Jacinto nunca se envolveu sexualmente com a moça.

Madame de Oriol chega para uma visita. Está curiosa com a inundação do dia anterior, mas decepiona-se por encontrar tudo seco. Jacinto diz que é uma pena não ter ao menos caído uma parede. Depois da saída de madame de Oriol para ouvir um sermão nas Madalenas, Jacinto convida Zé Fernandes para “passar o domingo nalguma coisa simples e natural”.

— Vamos ao Jardim das Plantas, ver a girafa!”

IV. “Nessa fecunda semana, uma noite, recolhíamos ambos da Ópera, quando Jacinto, bocejando, me anunciou uma festa no 202”. (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 29.) A festa é uma homenagem ao grão-duque, que vai “mandar um delicioso peixe e muito raro que se pesca na Dalmácia”. Apesar da festa, Jacinto sente que tudo é uma maçada. O jantar é preparado com requinte: orquestra de ciganos, baixelas dos tempos de d. Galião, toalhas bordadas a seda, cristais lavrados e filigranados de ouro. Às nove horas, falta energia. Jacinto manda buscar o engenheiro da Companhia Central de Eletricidade. Por precaução, um criado compra velas. O Grilo desenterra dos armários os candelabros e os castiçais dos tempos de d. Galião. “A eletricidade permaneceu fiel, sem amuos.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 30.)

Zé Fernandes encontra a condessa de Trêves com o ilustre historiador Danjon no gabinete de Jacinto. Ela elogia a infinidade de objetos úteis, mesmo sem entender-lhes a utilidade. “Naquele gabinete de suntuosa mecânica ela somente se ocupara em exercer, com proveito e com perfeição, a arte de agradar. Toda ela era uma sublime falsidade.”¹⁵ (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 31.)

Também estão presentes à festa de Jacinto o diretor do *Boulevard* e o psicólogo feminista. Este último lançou recentemente um romance, *Couraça*, com grande euforia do público. O psicólogo exalta sua obra quando é interrompido pelo duque de Marizac, que diz haver um erro no livro. Marizac critica o fato de uma duquesa requintada usar um colete de cetim preto.

O psicólogo emudecera, colhido, trespassado! Marizac era uma tão suprema autoridade sobre a roupa íntima das duquesas, que à tarde, em quartos de rapazes, por impulsos idealistas e anseios de alma dolorida — se põe em colete e saia branca!...¹⁶

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 32.

O psicólogo pede desculpas e prontifica-se a fazer uma retificação para retirar o preto e colocar o lilás.

Zé Fernandes percebe que os dois homens de madame de Trêves, o marido, conde de Trêves, e o banqueiro judeu, Davi Efraim, tentam convencer Jacinto a entrar numa sociedade: a Companhia das Esmeraldas da Birmânia. Aparece também Antônio de Todelle, “moço já calvo, de infinitas prendas [...], conhecia todos os enredos¹⁷ de Paris”. A mulher não pode vir porque esfolou o joelho numa queda de velocípede¹⁸. No bilhar, está o grande Dornan, poeta neoplatônico e místico, a fumar um imenso charuto. “... diante dele, de pé, Joban, o supremo crítico de teatro, ria com a calva escarlate de gozo, [...].” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 33.)

O anúncio da chegada do grão-duque Casimiro pelo Grilo interrompe a todos. “Precedido por Jacinto, o grão-duque surgiu. Era um possante homem, de barba em bico, já grisalha, um pouco calvo. [...] veio apertar a mão às senhoras que mergulhavam nos veludos e sedas em medidas de corte.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, pp. 34-35.) Pergunta pelo peixe e se foi preparado pela receita que mandou. Critica a comida de Paris.

Quando todos resolvem ouvir o teatrofone, Zé Fernandes aproveita para recordar sua aldeia. É interrompido pelas falas das senhoras, mas retorna novamente à sua terrinha em pensamento.

Um moço de loura penugem reclama que falta um general com sua espada e um bispo com seu báculo¹⁹. Perguntado para quê, responde que é “para uma bomba de dinamite... Temos aqui um esplêndido ramalhete de flores da civilização, com um grão-duque no meio. Imagine uma bomba de dinamite, atirada da porta!... Que belo fim de ceia, num fim de século!” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 37.)

Enquanto o grão-duque conta uma história de caçada, Jacinto é informado de que ocorrera um desastre; e anuncia aos presentes que o peixe encalhara no elevador dos pratos²⁰. O grão-duque atira longe o guardanapo e diz: “— Essa é forte!... Pois um peixe que me deu tanto trabalho! Para que estamos nós aqui então a cear? Que estupidez! E por que o não trouxeram à mão, simplesmente? Encalhado... Quero ver! Onde é a copa?” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 38.) Todelle sugere que pesquem o peixe. Madame de

¹⁵ Esse será o comportamento mais comum dentro da alta sociedade parisiense a ser criticado pelo narrador.

¹⁶ A ironia queirosiana fica evidente nessa passagem, na qual o narrador atribui à personagem a suprema autoridade sobre peças íntimas de duquesas, mas revela que o faz junto com rapazes, ao utilizá-las.

¹⁷ A palavra tem o sentido de fofocas, no contexto.

¹⁸ Modelo de veículo semelhante à bicicleta de agora, mas com três rodas.

¹⁹ Bastão de extremidade arqueada usado pelos bispos.

²⁰ O defeito no elevador é mais uma crítica do autor à tecnologia exaltada por Jacinto.

Oriol oferece um de seus ganchos. “O psicólogo proclamou que nunca se pescara com tão divino anzol.” Mas a pescaria é em vão, o grão-duque desiste quando todos bradam que abandone o peixe.

Três dias depois da festa, Jacinto recebe a notícia de que uma tormenta destruiu a velha igreja onde estavam sepultados seus antepassados desde o tempo de El-Rei d. Manuel. Jacinto acha uma *coisa estranha* e chega a repetir a expressão. Durante toda a noite, interroga Zé Fernandes a respeito da serra e de Tormes. “E telegrafou ao Silvério que desentulhasse o vale, recolhesse as ossadas, reedificasse a igreja, e, para esta obra de piedade e reverência, gastasse o dinheiro, sem contar, como a água de um rio largo.”²¹ (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 40.)

V.

No entanto Jacinto, desesperado com tantos desastres humilhadores — as torneiras que dessoldavam, os elevadores que emperravam, o vapor que se encolhia, a eletricidade que se sumia, decidiu valorosamente vencer as resistências finais da matéria e da força por novas e mais poderosas acumulações de mecanismos. E nessas semanas de abril, enquanto as rosas desabrochavam, a nossa agitada casa, entre aquelas quietas casas dos Campos Elísios que preguiçavam ao sol, incessantemente tremeu, envolta num pó de calça e de empreitada, com o bruto picar de pedra, o retininte martelar de ferro. Nos silenciosos corredores, onde me era doce fumar antes do almoço um **pensativo cigarro**²² (grifo nosso), circulavam agora, desde madrugada, ranchos operários, de blusas brancas, assobiando o Petit-Bleu [...] E os pedaços de soalho levantado mostravam tristemente, como num cadáver aberto, todos os interiores do 202, a ossatura, os sensíveis nervos de arame, os negros intestinos de ferro fundido.²³

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 40-41.

Jacinto passa a adquirir novas máquinas que tornam a vida mais fácil. Na copa, há três geleiras sucessivamente abandonadas, utilizadas para refrescar a *soda-water* e os *medocs* ligeiros. Um instrumento-zinho astuto serve para arrancar delicadamente os pés dos morangos; outro, de prata e cristal, para remexer freneticamente a salada. Zé Fernandes experimenta o último e espirra vinagre sobre os olhos de Jacinto,

que foge aos uivos. Jacinto adquire também uma máquina para lhe abotoar as ceroulas.²⁴

Jacinto também não se cansa de acumular erudição. Compra quantidades enormes de livros que invadem não apenas a biblioteca, mas toda a casa. Zé Fernandes sofre com as manias de Jacinto: “E imensa foi a minha indignação quando uma manhã, correndo urgentemente, de mãos nas alças, encontrei, vedada por uma tremenda coleção de estudos sociais, a porta do *water-closet*!” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 41.) Uma noite, cansado de um passeio a *Ver-salhes*, Zé Fernandes encontra sete volumes de um dicionário sobre a cama. Atira longe os volumes, dorme e sonha com uma Paris construída de livros. As pessoas possuem cara de livros e, na praça da Concórdia, há uma pilha de livros formando uma montanha escarpada. Trepa na montanha até para além da terra e das nuvens. Sobe ao Paraíso, onde avista Deus a ler Voltaire numa edição barata e a sorrir.

Uma porta faiscou e rangeu, como se alguém penetrasse no Paraíso. Pensei que um santo novo chegara da Terra. Era Jacinto, com o charuto em brasa, um molho de cravos na lapela, sobraçando três livros amarelos que a Princesa de Carman lhe emprestara para ler!²⁵

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 42.

Durante três meses, Zé Fernandes torna-se amante de uma mulher que avistara diante da estação de ônibus: “... uma criatura seca, muito morena, quase tsnada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes, uma mata de cabelos amarelados, toda crespa e rebelde, sob o chapéu velho de plumas negras.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 42.) Zé Fernandes pergunta-lhe o nome, já dentro de um café, ela responde que se chama madame de Colombe e dá o endereço: Rua do Hélder, 16, quarto andar, porta à esquerda. “Amei aquela criatura. Amei aquela criatura com amor, com todos os amores, que estão no amor, o amor divino, o amor humano, o amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra.”²⁶ (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 43.) Zé Fernandes entrega todas as posses que trouxe de Guiães para madame

²¹ O desastre ocorrido em Tormes teve o efeito de trazer de volta a Jacinto a lembrança do lugar de origem de seus antepassados. Jacinto acha estranho o acontecimento, porque lhe parecia um agouro que se somava aos desastres ocorridos naquele e nos dias anteriores.

²² Fig.: hipálage, que consiste no deslocamento de um adjetivo do termo próprio para outro próximo.

²³ Em mais de uma passagem pode ser encontrada a figura da prosopopéia ou personificação (comparação de objetos a seres inanimados). O trecho apresenta também um confronto entre um elemento da natureza (“... enquanto as rosas desabrochavam...”) e o mundo artificial da cidade (as estruturas e a reforma do 202).

²⁴ O episódio é uma fina ironia do autor contra a tecnologia da vida moderna que chega a atingir absurdos e ridículos.

²⁵ O parágrafo é uma ironia, já que, não satisfeito com a quantidade enorme de livros que possuía, sem ter sequer tempo para ler, ainda tomava mais três emprestados.

²⁶ A passagem é uma ironia típica do Realismo relativa ao amor, definido aqui, em gradação, desde uma referência sublime até a mais vulgar.

Colombe. Uma tarde encontra a porta fechada e descobre com uma comadre barbuda que a amante não mora mais ali:

“— Abalou-se esta manhã, para outra terra, com outra porca!”

Zé Fernandes sai dali arrasado e decide jantar. Encomenda lagosta, pato e Borgonha, mas primeiro toma uma garrafa de champanhe, depois o Borgonha, e depois conhaque, e depois hortelã-pimenta granitada em gelo. Em casa de Jacinto, repele o chá de macela oferecido pelo Grilo e deita-se sobre a cama que fora de d. Galião.

E, sobre a minha sepultura, que tão irreverentemente se assemelhava ao meu vaso, vomitei o Borgonha, vomitei o pato, vomitei a lagosta. Depois num esforço ultra-humano, com um rugido, sentindo que, não somente toda a entranha, mas a alma se esvaziava toda, vomitei madame Colombe!²⁷

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 44.

Refeito na manhã seguinte, depois de um bom banho, Zé Fernandes começa a perceber que, apesar de todas as reformas, Jacinto continua melancólico e triste. Conversa com o Grilo e ouve do criado que Jacinto sofre de fatura. Pensa:

Pobre Jacinto! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a crônica até aos anúncios, com a tinta delida, as dobras roídas, não enfastiaria mais o solitário, que só possuísse na sua solidão esse alimento intelectual, do que o parianismo enfastiara o meu doce camarada!

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 46.

Jacinto está enfastiado no meio de seus aparelhos e de seus milhares de volumes repletos de saber. “... e exprimindo, na face e na indecisão mole de um bocejo, o embaraço de viver!”

VI. Todas as tardes, às quatro horas, Jacinto visita Madame de Oriol. Numa dessas tardes, o telefone toca, avisando Jacinto que a sua doce amiga jantava em Enghien com os Trèves. Como é domingo, Zé Fernandes e Jacinto aproveitam para subir a Basílica do *Sacré-Coeur*.

Jacinto acaba gostando dos bairros estreitos e íngremes, das mulheres despenteadas cosendo à soleira das portas “— o meu fastidioso camarada sorriu àquela liberdade e singeleza das coisas”. Jacinto acha tudo curioso, menos a basílica. Do terraço, Zé Fernandes e Jacinto contemplam Paris sob um céu cinzento. Zé Fernandes aproveita para provocar Jacinto com perguntas sobre a riqueza e a civilização de Pa-

ris. Jacinto concorda que toda aquela grandeza de civilização é apenas ilusão. Zé Fernandes aproveita-se da vitória sobre Jacinto:

Certamente, meu Príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o homem pensa ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso [...].

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 48.

Diante da concordância de Jacinto, Zé Fernandes prossegue o seu filosofar fácil:

[...] E se ao menos essa ilusão da cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantêm... Mas não! Só uma estreita e reluzente casta goza na cidade os gozos especiais que ela cria. O rés, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem! [...] Mas quê, meu Jacinto! A tua civilização reclamava insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der ao Trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada²⁸ miséria é a condição do esplendor sereno da cidade. Se nas suas tigelas fumegasse a justa ração de caldo — não poderia aparecer nas baixelas de prata a luxuosa porção de foie-gras²⁹ e túberas³⁰ que são o orgulho da civilização. Há andrajos em trapeiras — para que as belas madamas de Oriol, resplandcentes de sedas e rendas, subam, em doce ondulação, a escadaria da Ópera. Há mãos regeladas que se estendem, e beijos sumidos que agradecem o dom magnânimo de um sou — para que os Efrains tenham dez milhões no Banco de França [...] — para que os Jacintos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em Champagne e avivados de um fio de éter!³¹

— E eu comi dos teus morangos, Jacinto! Miseráveis, tu e eu! Ele murmurou, desolado:

— É horrível; comemos desses morangos... E talvez por uma ilusão!

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 49-50.

Depois de todo o discurso socialista, Zé Fernandes anuncia que está com sede. Descem a escadaria e encontram um amigo de Jacinto, Maurício de Mayolle. Este abandonara a agitação social de Paris e mudara-se para Montmartre. Depois Zé Fernandes, que não entendera absolutamente nada da conversa entre Jacinto e o amigo, pergunta quem é o bruxo. Jacinto resume, depois de um bocejo, quem é o rapaz e as filosofias orientais que segue. Também ele, Jacinto, já as experimentara.

Zé Fernandes e Jacinto vão jantar. Zé Fernandes diz:

²⁷ A passagem mostra a influência do Naturalismo na obra de queirosiana.

²⁸ Cansativa, estafante.

²⁹ Patê produzido a partir do fígado de gansos.

³⁰ Mesmo que trufa, tipo de cogumelo subterrâneo muito utilizado na culinária.

³¹ O narrador faz um discurso socialista, aliás bem ao modo das intenções engajadas de Eça de Queirós, que logo depois retoma sua fortíssima ironia, pois Zé Fernandes irá aproveitar-se exatamente dos prazeres oferecidos pelo dinheiro que acabara de condenar.

— Pois venha agora para a minha rica sede esse vinhozinho gelado! Grandemente o mereço, caramba, que superiormente filosofei!...E creio que estabeleci definitivamente no espírito do senhor d. Jacinto o salutar horror da cidade! Jacinto deu ordem ao copeiro: — Mande gelar duas garrafas de champagne Saint Marceaux... Mas antes, um Barsac velho, apenas refrescado... Água de Evian... Não, de Bussang! Bem, de Evian e de Bussang! E, para começar, um bock. Depois, bocejando, desabotoando lentamente a sobrecasaca cinzenta: — Pois estou com vontade de construir uma casa nos cimos de Montmartre, com um miradouro no alto, todo de vidro e ferro, para descansar de tarde e dominar a cidade...³²

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 53.

VII. Zé Fernandes acompanha Jacinto todas as tardes, a pedido deste, aos seus encontros com Madame de Oriol. Esta não se sente contrariada pela presença de Zé Fernandes, ao contrário, pois é mais um vassalo para admirá-la, tanto que passa a chamá-lo de *cher*.³³ Fernandes.

Madame de Oriol preocupa-se apenas em cuidar do corpo e falar de si mesma. No inverno, enquanto as criancinhas sem abrigo morrem de frio debaixo das pontes, ela começa a preparar seus vestidos de patinagem. “E preparava também os de caridade — porque era boa, e concorria para bazares, concertos e tómbolas, quando fossem patrocinados pelas duquesas do seu “rancho.”³⁴ (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 55.)

Numa dessas tardes, os dois amigos encontram o marido de madame de Oriol, que lhes conta sobre a indisposição da mulher depois de uma discussão que tiveram. Madame de Oriol tinha por amante um empregado. O marido dissera à mulher: “Amantes da nossa roda, vá! Um lacaio, não!... Se quer dormir com os criados que emigre para o fundo da província, para a sua casa de Corbelle. E lá até com os animais... Foi o que eu lhe disse! Ficou uma fera”. (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 55.)

Zé Fernandes finalmente segue para sua viagem pelas cidades da Europa. Volta numa manhã de outubro ao 202. Encontra Jacinto ainda mais entediado e aborrecido do que quando partiu.

O 202 estourava de confortos; nenhuma amargura de coração o atormentava; e todavia era um triste. Por quê?... E daqui saltava, com certeza fulgurante, à conclusão de que a sua tristeza, esse cinzento burel³⁵ em que a sua alma andava amortilhada, não provinha da sua individualidade de Jacinto — mas da vida, do lamentável, do desas-

troso fato de viver! E assim o saudável, intelectual, riquíssimo, bem-acolhido Jacinto tombara no pessimismo.”

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 57.

Passara a ler todos os autores pessimistas, do Eclesiastes a Schopenhauer. Jacinto encontrara a ocupação de maldizer a vida. Divide-se inconsciente em diversas tarefas: funda um hospício no campo para velhinhos desamparados, outro para crianças débeis no Mediterrâneo, estuda o teosofismo... Por ocasião de seu aniversário, recusa-se a ligar aos amigos para convidá-los para um champanhe. Manda mesmo o Grilo dizer que não está em Paris, que fora para o campo, que morrera.

Jacinto, à meia-noite, percorre seu gabinete à procura de um livro, depois de reclamar que é uma seca, pois não há o que ler.³⁶ Acaba levando para o quarto um exemplar antigo do *Diário de Notícias*.

VIII. Jacinto decide partir para Tormes. Zé Fernandes assusta-se quando é comunicado pelo amigo sobre tal intenção. As obras da capela foram concluídas e os restos mortais dos antepassados de Jacinto serão trasladados de volta para ela. Jacinto conclui que é um dever de decência e também elegante acompanhar a instalação dos restos mortais do avô no novo jazigo. Sabe por Zé Fernandes que a casa de Tormes está inabitável. Como a partida só se dará em abril, Jacinto decide mandar pintar, assoalhar e envidraçar a casa. Mandará de Paris tapetes e camas; um estofador de Lisboa forrará e disfarçará algum buraco.

Movido por grande energia, Jacinto passa a encaixotar os confortos necessários a sua estada em Tormes. Antes contrata uma companhia de transportes para enviar seus objetos. O dono garante conhecer o lugar. Os caixotes são montados com camas de pena, banheiras de níquel, lâmpadas Carcel, divãs profundos, cortinas, tapetes, fornalhas, geleiras, bocais de trufas, latas de conservas, garrafas de águas mineiras, um imenso para-raios...

Quando o tédio volta a tomar conta de Jacinto, Zé Fernandes sugere que é hora de partirem para Tormes. Depois dos últimos preparativos, finalmente Jacinto e Zé Fernandes deixam Paris de trem em direção a Portugal. A viagem parece um tormento para Jacinto, que se sente doente ao deixar a civilização. Em Medina, Espanha, o comboio chega atrasado e o trem para Salamanca já está de partida. Na pressa, esquecem as malas. Ao chegarem, Jacinto reclama que entra em

³² Depois de todo um discurso social, Zé Fernandes e Jacinto aproveitam-se da riqueza material para se deleitarem com bebidas finas num bom restaurante de Paris. Isso faz o leitor concluir que tudo não passara realmente de filosofias pouco sérias de Zé Fernandes.

³³ Querido.

³⁴ De modo geral, o narrador trata Madame de Oriol com ironia, pois a superficialidade da personagem é indiscutível.

³⁵ Luto, pesar.

³⁶ A atitude de Jacinto beira o absurdo ou ridículo, pois tem mais de setenta mil livros em sua biblioteca.

Portugal imundo, porque não há nem uma camisa, uma escova ou uma gota de água-de-colônia.

Na estação, descobrem que Grilo, Anatole e todas as bagagens não estão no mesmo trem. Jacinto está só com a roupa do corpo e uma bengala. Também os empregados Silvério e Melchior não se encontram na estação a esperá-lo.³⁷

Ao chegarem a Tormes, descobrem com Melchior que a casa não está pronta, já que Silvério espera por Jacinto só em setembro. Os caixotes também não foram entregues. Desesperado, Jacinto decide que seguirá para Lisboa no dia seguinte. Os dois acabam se arrumando na casa, mas sem nenhum conforto, já que nem camas ou banheira há. Jantam com Melchior. Jacinto farta-se com o caldo, o arroz com favas, o frango assado no espeto e a salada. Elogia o vinho divino de Tormes.

Depois do jantar, Jacinto e Zé Fernandes voltam para a casa e contemplaram o céu: “Na cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros — por causa dos candeeiros de gás ou dos globos de eletricidade que os ofuscam”.³⁸ (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 79.) Jacinto recolhe-se numa modesta e áspera camisa emprestada por Melchior da mulher e também um tamanco. Divide com Zé Fernandes o exemplar do jornal. Zé Fernandes promete providenciar algumas coisas essenciais ao conforto do amigo. Jacinto pede-lhe também alguns objetos de uso pessoal e lençóis do Hotel de Bragança.

IX. Zé Fernandes parte de madrugada, sem acordar Jacinto. Só uma semana depois, ao deparar-se com suas malas, lembra-se do amigo. Telegrafa para o Hotel de Bragança. Uma semana depois ainda não obtivera resposta. Fica sabendo através de Severo, sobrinho de Melchior, que Jacinto ainda está em Tormes. No dia seguinte, domingo, Zé Fernandes segue para Tormes.

A casa está em melhor estado que no dia da chegada. Zé Fernandes encontra alguns livros, entre eles um Virgílio. Zé Fernandes abre o livro e murmura, apropriando-se de um verso:

*Fortunate Jacinthe! Hic, inter arva nota
Et fontes sacros, frigus captabis opacum...*³⁹
(QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 84.)

Zé Fernandes dorme, mas é acordado por Jacinto. Percebe que o amigo mudara e já não corcovava.

Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava soberbamente. Dos olhos... saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 84.

Resolvera ficar em Tormes quando, na manhã seguinte depois da chegada, sentiu-se como desanuviado, desvencilhado. Nesse dia almoçara uma pratada de ovos com chouriço e passeara pelo campo. Resolvera ficar por dois meses: “Enquanto houver chouriços, e a água da fonte, bebida pela telha ou numa folha de couve, me souber tão divinamente!”

Zé Fernandes observa, admirado, as reformas concretizadas por Jacinto. Causa-lhe maior admiração ainda a beleza de uma moça, Ana Vaqueira, mas Jacinto diz-lhe:

— Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. [...] Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo...⁴⁰ São porém verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Zé Fernandes, é para mim um repouso.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 86.

Zé Fernandes fica sabendo por Jacinto que os caixotes foram mandados para Alba-de-Tormes, na Espanha. Jacinto não sente mais falta dos objetos, pois está saboreando a delícia de ter apenas uma escova para alisar o cabelo de manhã. Sente-se útil com a vida que leva.

Zé Fernandes e Jacinto vagueiam pela quinta. Jacinto começa a filosofar:

— Como a inteligência aqui se liberta, hem? E como tudo é animado de uma vida forte e profunda!... Dizes tu agora, Zé Fernandes, que não há aqui pensamento...

— Eu?! Eu não digo nada, Jacinto...

— Pois é uma maneira de refletir muito estreita e muito grosseira...

— Ora essa! Mas eu...

— Não, não percebes. A vida não se limita a pensar, meu caro doutor...

³⁷ Esse episódio foi tirado de um fato vivido por Eça de Queirós com seu sobrinho Luís Grande, durante uma viagem à propriedade de Eça em Santa Cruz. O rendeiro José Pinto não havia recebido a tempo o aviso da chegada dos dois à quinta de Vila Nova. Os dois subiram à quinta com cavalos emprestados pelo chefe da estação e desconstruíram-se do rendeiro. A mulher desse serviu-lhes arroz de favas com toucinho e salpicão, ovos, broa de milho e infusa de vinho. Quando José Pinto chegou, os dois fartavam-se à mesa com gosto. A casa também não apresentava condições de ser habitada.

³⁸ O final do capítulo deixa claro o processo inicial de aceitação de Jacinto da vida no campo. Ele se sente desconfortável por causa das instalações precárias, mas regala-se com a comida simples servida pelo empregado e com o vinho da região. Alimenta-se como há muito não fazia em Paris. O processo de adaptação será gradual, como se verá, mas, acostumado aos luxos e confortos de seu palacete, suas atitudes já são positivas.

³⁹ “Afortunado Jacinto, na verdade! Agora, entre campos que são teus / e águas que te são sagradas, colhes enfim a sombra e a paz!”

⁴⁰ A passagem mostra concepções naturalistas.



— Que não sou!

— A vida é essencialmente vontade e movimento; e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atingem a sua expressão suprema, que é a forma. Não, essa tua filosofia está ainda extremamente grosseira...

— Irra! Mas eu não...

— E depois, menino, que inesgotável, que miraculosa diversidade de formas e todas belas!⁴¹

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 87.

Jacinto fala da mesmice das cidades em comparação com a diversidade de formas da natureza: “A mesmice — eis o horror das cidades!” Depois da canja e do cabrito servidos no jantar, Jacinto passa a atacar o pessimismo:

Oh! Que engenhosa besta, esse Schopenhauer! E maior besta eu, que o sorvia, e que me desolava com sinceridade! E todavia — continuava ele [...] o pessimismo é uma teoria bem consoladora para os que sofrem, porque desindividualiza o sofrimento, alarga-o até o tornar uma lei universal, a lei da própria vida [...]

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 89.

Zé Fernandes adormece, mas é acordado pelo riso de Jacinto que lê *Dom Quixote*.

A cerimônia de transladação dos ossos é realizada de forma simples, porque os ossos do avô Galião não se encontravam ali. O abade louva a atitude de Jacinto, que veio de tão longe para cumprir aquele dever de bom neto.

Jacinto demonstra o desejo de plantar árvores, mas entristece-se ao saber que demoram muito para crescer. Logo surgem novas idéias para reformar a propriedade, transformando-a numa moderna produtora de queijos finos. Zé Fernandes procura demonstrar o absurdo da idéia do amigo, mas Jacinto não se importa em tomar um grande prejuízo. Silvério não se mostra muito disposto à tarefa de alterar a propriedade e procura, sempre que pode, mudar os planos de Jacinto, sugerindo que o faça em outra de suas terras. Mas as idéias trazem a Jacinto renovada esperança e vida. “E cada um desses tão simples dizeres lhe era doce, como se por mão deles penetrasse mais fundamentalmente na intimidade da terra, e consolidasse a sua encarnação em ‘homem do campo’, deixando de ser uma mera sombra circulando entre realidades.” (QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 99.)

X. Apesar da previsão de chuva, Jacinto sai com Zé Fernandes para ir à Corujeira antes do almoço. São pegos por uma grossa chuva oblíqua. Socorridos

por Silvério com um guarda-chuva vermelho, abrigam-se num alpendre. Jacinto fica sabendo pelo Silvério que existe miséria, fome e doença em suas terras.

Depois de ver um menino de um colono, Jacinto pergunta se há gente que trabalha para ele que tem fome. Silvério diz:

Pois está bem de ver, meu senhor, que há para aí caseiros que são muito pobres. Quase todos... É uma miséria, que se não fosse algum socorro que se lhes dá, nem eu sei!... Este Esgueira, com o rancho de filhos que tem, é uma desgraça... Havia Vossa Excelência de ver as casitas em que eles vivem... São chiqueiros. A do Esgueira, acolá...

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 102-103.

Jacinto decide ver a casa. Sai de lá desconsolado com as condições da moradia e a doença da mulher do empregado.

Depois de retornarem para o almoço. Jacinto diz:

Antes de tudo — continuava Jacinto — mande já hoje chamar esse doutor Avelino para aquela pobre mulher... E os remédios que os vão buscar logo a Guiães. [...] Escute! E quero, Silvério, que lhe leve dinheiro, para os caldos, para a dieta, uns dez ou quinze mil-réis... Bastará?

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 104-105.

Determina que todos devem receber a mesma quantia e construir casas novas para todos os rendeiros. Silvério aumenta o custo de cada uma das vinte e três casas para duzentos mil-réis, com o propósito de mudar os planos de Jacinto. Este calcula que dará uns seis contos e determina uns dez contos de gastos, porque quer dar mobília e algumas roupas a toda aquela gente.

Silvério diz: “— Mas então, Excelentíssimo Senhor, é uma revolução.” Resolve obedecer, porque percebe que não se trata de uma brincadeira de Jacinto, que resolveu também rever os contratos dos rendeiros para aumentar os salários.⁴²

XI. Zé Fernandes está sempre no caminho entre Guiães e Tormes, o que chega mesmo a causar ciúmes em tia Vicência. Esta manifesta sua curiosidade em conhecer o *Príncipe*. Zé Fernandes convidara Jacinto para o seu natalício⁴³. Sua intenção é de que Jacinto conheça algumas mulheres, “porque Tormes tinha uma solidão monástica”. Comunica ao amigo seus pensamentos: “E esta Tormes, Jacinto, esta tua reconciliação com a natureza, e o renunciamento às mentiras da civilização é uma linda história. Mas, caramba, faltam mulheres!” Jacinto compara as mu-

⁴¹ A completa conversão de Jacinto à vida campestre pode ser notada nesse diálogo, quase monólogo, no qual ele atribui a Zé Fernandes pensamentos que eram seus em relação ao campo. A defesa da vida campestre é agora seu ponto de vista.

⁴² Sentindo-se útil, Jacinto resolve determinar o fim da miséria em sua propriedade. Enquanto ele se preocupa com a desgraça alheia, Zé Fernandes e Silvério mostram-se indiferentes aos problemas existentes no lugar, aparentemente acostumados com a exploração do trabalho na região.

⁴³ Aniversário.

lheres do lugar com legumes. Zé Fernandes fala sobre sua prima Joaninha, a quem Jacinto chegara a criticar ao ver uma foto em Paris.

As reformas em Tormes prosseguem. Jacinto fiscaliza as obras a cavalo, e já planeja outras melhorias, entre elas a construção de uma escola. Tudo aquilo traz a Zé Fernandes um certo temor de que Jacinto retome seu maníaco furor de acumular civilização e noções. Parece a Zé Fernandes a invasão da serra pelo livro.

As transformações criadas e o benefício que Jacinto traz às pessoas do lugar fazem dele o benfeitor dos pobres. Todos os humildes o saúdam e alguns trazem presentes. João Torrado, um velho adivinho do lugar, chega mesmo a ver em Jacinto a figura do rei d. Sebastião⁴⁴.

XII. Finalmente chega o dia do aniversário de Zé Fernandes, dia 3 de setembro, um domingo. Zé Fernandes espera por Jacinto na varanda do quarto de tio Afonso. É a primeira visita de Jacinto à sua casa. Tia Vicência convidara diversas pessoas da serra para o jantar. Zé Fernandes recebe a notícia de que sua prima Joaninha não pode comparecer, porque seu pai, tio Adrião, está com furúnculo e ela não deseja deixá-lo só.

Zé Fernandes, depois de desejar as melhoras ao tio através do rapaz que trouxe o recado, volta à varanda. Pouco depois chega Jacinto, acompanhado do Grilo e de outro criado. Cumprimentam-se. Jacinto louva a casa. No quarto, agradece os cuidados de tia Vicência que enche de flores dois vasos da China.

“Então, estreitamos os ossos num grande abraço, pelo natalício... “Trinta e oito, hem, Zé Fernandes?” — Trinta e quatro, animal.” Jacinto oferece a Zé Fernandes os presentes que trouxe: um alfinete de gravata, com um safira, uma cigarreira de aro fosco, adornada de florido ramo de madeira em delicado esmalte, e uma faca para livros de velho lavor chinês. Para tia Vicência, uma caldeirinha de água benta, em prata lavrada, que pertencera à princesa de Lamballe.

Jacinto almoça com grande apetite, o que cativa tia Vicência. Depois Zé Fernandes e Jacinto passeiam pela propriedade. Jacinto acha tudo muito bonito. Ao voltar para a casa, Zé Fernandes aproveita para mostrar ao amigo algumas preciosidades literárias: uma crônica de d. João I, por Fernão Lopes, a primeira edição de *Imperador Clarimundo*, uma *Henriada* com a assinatura de Voltaire e outras maravilhas. Zé

Fernandes pretende ainda mostrar a tulha, mas Jacinto reclama que precisa sentar-se. Zé Fernandes fica com piedade e deixa Jacinto ir até o quarto para descansar. Depois vai verificar a disposição das escovas e toalhas de renda no quarto dos convidados, pois em breve todos lavarão as mãos e escovarão a poeira da estrada.

XIII. “Ai de mim! A festa do meu aniversário não se passou com brilho, nem com alegria!” A presença de Jacinto traz um certo embaraço aos presentes. Zé Fernandes procura estabelecer maior aproximação entre os convidados, mas acaba piorando as coisas. Como Jacinto elogia a comida, Zé Fernandes aproveita para recordar o arroz-doce preparado pelo cozinheiro de Jacinto por ocasião do aniversário do amigo em Paris, mas o assunto não parece interessar a ninguém. Mesmo quando conta o acidente com o peixe pescado pelo grão-duque que encalhou no elevador, não causa nenhum riso, porque os convidados sequer compreendem o mecanismo do elevador.

Iniciada a sessão de brindes erguidos, primeiro a Zé Fernandes, depois por este à visita de Jacinto, d. Teotônio ergue um brinde ao ausente, o que causou estranheza a Jacinto. Zé Fernandes descobre através do doutor Alípio que o ausente é d. Miguel.⁴⁵ D. Teotônio considera Jacinto um ferrenho miguelista e sua vinda uma missão política. Alguns acreditam que o próprio príncipe d. Miguel está com Jacinto em Tormes, disfarçado de criado. Zé Fernandes sabe que o criado é Batista, e fica furioso com aquela disparatada invenção que parece cercar Jacinto de hostilidade.

A ameaça de chuva faz os convidados partirem. Zé Fernandes e Jacinto divertem-se com os boatos. Zé Fernandes conta a tia Vicência a história de d. Miguel em Tormes. Ela ri.

— Mas o senhor Jacinto, não é?

— Eu, minha senhora, sou socialista...

Acudi explicando à tia Vicência, que socialista era ser pelos pobres. A doce senhora considerava esse partido o melhor, o verdadeiro:

— O meu Afonso, que Deus haja, era liberal... Meu pai também, e até amigo do Duque da Terceira...

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 117.

Um trovão interrompe a conversa e obriga tia Vicência a preocupar-se com os convidados ainda na estrada. A boa mulher saiu para acender duas velas no oratório, guardar as pratas e rezar o terço com a Gertrudes.

⁴⁴ D. Sebastião governou Portugal entre 1568 e 1578, ano que desapareceu em Alcácer-Quibir, depois de uma desastrosa campanha para a reconquista do domínio português na África e a propagação do Cristianismo. O mito do sebastianismo é crença corrente em Portugal, onde se acredita que o rei voltará ao mundo para erguer o Quinto Império.

⁴⁵ Deve-se recordar nesse ponto uma passagem inicial desse romance, quando o avô de Jacinto deixa Portugal porque D. Miguel seguira para o exílio. Notamos que a volta do miguelismo também continuava causando fortes temores entre as pessoas da serra, apesar de tantas décadas passadas.

XIV. No dia seguinte, Jacinto e Zé Fernandes vão até a Flora da Malva para saber do tio Adrião. Tia Vicência elogia tanto a sobrinha Joaninha, que Zé Fernandes tem medo que Jacinto se decepcione ao conhecê-la. No caminho, os dois amigos param na taberna do Torto para Zé Fernandes tomar um vinho branco. Jacinto reprova a atitude do amigo, mas delicia-se com o vinho. Encontram o profeta João Torrado na taberna. João louva Jacinto: — “Bendito seja o pai dos pobres”.

Zé Fernandes aproveita para questionar o fato de ele dizer que d. Sebastião voltou. João Torrado murmura:

Talvez voltasse, talvez não voltasse... Não se sabe quem vai, quem vem. A gente vê os corpos, mas não vê as almas que estão dentro. Há corpos de agora com almas doutoras. Corpo é vestido, alma é pessoa... Na feira da Roqueirinha quem sabe com quantos reis antigos se topa, quando se anda aos encontrões entre os vaqueiros... Em ruim corpo se esconde bom senhor!

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 120.

Jacinto fica pasmo de ainda haver sebastianistas em Portugal. Zé Fernandes diz-lhe:

— Todos o somos ainda em Portugal, Jacinto! Na serra ou na cidade cada um espera o seu d. Sebastião. Até a loteria da Misericórdia é uma forma de sebastianismo. Eu todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a ver se chega o meu. Ou antes a minha, porque eu espero uma d. Sebastiana. E tu, felizardo?⁴⁶

— Eu? Uma d. Sebastiana? Estou muito velho, Zé Fernandes... Sou o último Jacinto; Jacinto ponto final... Que casa é aquela com os dois torreões?

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 120.

É a Flor da Malva. Jacinto fica sabendo que Joaninha vive a cuidar das crianças do lugar. Procuram a moça no pomar, mas não a encontram. Dirigem-se à casa. Jacinto sente-se familiarizado com vários objetos.⁴⁷ A casa parece-lhes vazia, mas Joaninha surge numa das portas:

[...] corada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro um pouco aberto no pescoço, que fundia mais docemente, numa larga claridade, o esplendor branco da sua pele, e o louro ondeados dos seus belos cabelos, lindamente risonha, na surpresa que alargava os seus largos, luminosos olhos negros, e trazendo ao colo uma criancinha, corada e cor-de-rosa, apenas coberta com uma camisinha, de grandes laços azuis.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 122.

Nessa tarde de setembro, Jacinto fica conhecendo Joaninha, com quem se casa em maio, “na capelinha

de azulejos, quando o grande pé de roseira se cobria todo de rosas”.

XV.

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, cinco anos passaram sobre Tormes e a serra. O meu Príncipe já não é o último Jacinto, Jacinto ponto final — porque naquele solar que decaíra, correm agora com soberba vida, uma gorda e vermelha Teresinha, minha afilhada, e um Jacintinho, senhor muito da minha amizade. E, pai de família, principiara a fazer-se monótono, pela perfeição da beleza moral, aquele homem tão pitoresco pela inquietação filosófica, e pelos variados tormentos da fantasia insaciada.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 122.

Jacinto torna-se um conhecedor da atividade agrícola e bem responsável com suas contas. Cuida de suas propriedades para que seus filhos encontrem nelas ninhos feitos.⁴⁸

A chegada dos caixotes, dois meses antes do nascimento de Teresinha, traz a Zé Fernandes a impressão de que a cidade invadirá o campo. Jacinto, entretanto, manda guardar no sótão os confortos complicados e retira dos caixotes apenas tapetes, cortinas, poltronas e sofás. Depois vêm operários para instalar telefones em sua casa, no sogro, no médico e outro na casa de Zé Fernandes.

Uma tarde, Zé Fernandes encontra o Grilo no pomar. Zé Fernandes comenta o estado de Jacinto. Grilo responde:

— Sua Excelência brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquele ressequido galho de cidade, plantado na serra, pegara, chupara o humo do torrão herdado, criara seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casais em redor a bendiziam.

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 123.

XVI. Jacinto planejou muitas vezes passar uns três meses em Paris, para mostrar a Joaninha a cidade, mas adia sempre a viagem. Zé Fernandes é que vai a Paris, mas não suporta durante muito tempo a cidade. Vive dias de tédio, exatamente como antes ocorrera com Jacinto. As mesmas caras e as mesmas fofocas cercam Zé Fernandes todo o tempo em que está em Paris. Ao visitar o 202, percebe que nada ali lembra mais os tempos de camaradagem com Jacinto. Tudo está coberto por lonas.

Aconselhado pelo grão-duque, Zé Fernandes vai ao teatro de variedades, mas detesta a peça por causa de sua vulgaridade e da exploração barata do sexo.

⁴⁶ É interessante perceber que o mito do sebastianismo parece transformar-se com o passar dos séculos, mas não deixa de representar a própria esperança de cada português.

⁴⁷ Essa familiaridade parece prenunciar o desfecho do capítulo, pois Jacinto acaba se casando com Joaninha.

⁴⁸ Eça de Queirós também possuía um castelo numa quinta em Tormes, do qual cuidou com carinho nos últimos anos de sua vida na esperança de ver os filhos gozarem seus frutos na serra.

Resolve visitar a escola em que estudou, mas fica chocado com o desrespeito e a brutalidade dos alunos diante da tolerância dos professores. Sente-se ofendido por um estudante e acaba por esmurrar o rapaz. Decide deixar Paris. Da janela do trem, lança uma despedida à cidade:

— Pois adeusinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas! O que tens de bom, que é o teu gênio, elegante e claro, lá o receberei na serra pelo correio. Adeusinho!"⁴⁹

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 130.

Jacinto e a família esperam por Zé Fernandes na estação. Jacinto convida o amigo a ficar com ele em Tormes para contar as novidades de Paris. Todos sobem a serra.

E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre e mansa, o meu Príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da serra, a minha prima Joaninha, tão doce e risonha mãe, os dous primeiros representantes da sua abençoada tribo, e eu, tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subíamos — para o Castelo da Grã-Ventura!

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.*, p. 131.

José Fernandes conta a história de seu amigo Jacinto, rico herdeiro de fidalgos portugueses, que nasceu e sempre viveu em Paris, gozando a suposta felicidade que lhe proporciona uma grande renda mensal. Cercado pelo luxo e pelo conforto, Jacinto mora num palacete nos Campos Elísios, no número 202, mas está sempre insatisfeito e entediado, apesar de considerar a cultura e a tecnologia os únicos meio de se atingir a suprema felicidade.

Um acidente na capelinha da propriedade de Jacinto em Tormes, Portugal, onde estão enterrados os ossos de seus avós, leva o rico herdeiro de volta à terra natal de seus antepassados. Jacinto reencontra uma grande alegria de viver, depois de sentir-se útil pela primeira vez. Ele promove uma série de transformações na propriedade: constrói casas decentes para os empregados, aumenta seus salários e dá-lhes médico e remédios. Sua atitude gera mudanças em toda a região e prosperidade. Jacinto casa-se com a prima de José Fernandes, Joaninha, com quem tem um casal de filhos. Torna-se um indivíduo organizado e responsável e nunca mais retorna a Paris.

A cidade e as serras é um romance dividido em 16 capítulos, mas apresenta também uma divisão de conteúdo em duas partes. A primeira parte exalta os valores da vida no grande centro urbano de Paris (capítulos 1 ao 8). Nessa primeira parte, Jacinto considera a vida no campo desumana e absurda, sente-se desprotegido longe do conforto encontrado na cultura e na tecnologia. A segunda parte (capítulo 9 ao 16) é uma clara oposição à primeira, pois destaca o elogio à vida no campo, considerada prazerosa e distante das futilidades e artificialismos da vida na cidade. Essa oposição é, sem dúvida, o grande cerne desse romance, que entremeia a narrativa com dissertação (argumentação).

A) Foco narrativo: O romance é narrado em primeira pessoa, pelo personagem-narrador José Fernandes, amigo do protagonista Jacinto desde os tempos de escola no bairro latino em Paris. Zé Fernandes, como é chamado, conta com admiração a história de Jacinto, a quem chama de *Príncipe da Grã-Ventura*.

B) Espaço: A narrativa apresenta dois espaços principais, que são Paris e Portugal (Tormes). A divisão do espaço não é recurso meramente narrativo, mas o grande centro dessa obra. O espaço é vital na compreensão do enredo. O primeiro espaço é nitidamente urbano e representa a visão de Jacinto de que a suprema felicidade só pode nascer do máximo de cultura e de progresso. Dessa forma é considerado, inicialmente, como positivo, enquanto o protagonista aproveita para criticar a vida no campo, considerada por ele abominável. O segundo espaço, considerado inicialmente de forma negativa, revela-se para o protagonista como o lugar ideal, onde a simplicidade do modo de vida, aliada a pessoas naturais e espontaneamente bondosas e compreensivas, a uma comida saborosa, a boas águas e a um ar puro, terminam por convencer Jacinto a permanecer para sempre em sua propriedade de Tormes.

C) Tempo: O tempo é cronológico, estabelecido num período entre 1866, momento que Jacinto e José Fernandes se conhecem em Paris, e 1889, aproximadamente, quando José Fernandes retorna a Tormes depois de um passeio em Paris.

D) Personagens:

1. Jacinto: É chamado pelo narrador de *Príncipe da Grã-Ventura*. Nasceu e foi criado em Paris, onde seu frágil e doentio pai conheceu sua mãe e se casou.

⁴⁹ Essa despedida parece encerrar definitivamente qualquer valoração da vida urbana, o que deixa clara não somente a posição final do romance de defesa da vida campestre de onde só frutos positivos são trazidos para Portugal, mas também do autor Eça de Queirós, cujo pessimismo é atenuado em *A cidade e as serras*.

Jacinto é neto de Jacinto Galião, que se mudou para Paris depois da queda de d. Miguel. Jacinto é apaixonado por cultura e tecnologia, fazendo-se cercar de todas as modernidades, o que considerava indispensáveis para atingir-se a felicidade. Tem mania de acumular livros e objetos tecnológicos. Odeia a vida no campo, mas acaba apaixonando-se pela serra de Tormes, berço de seus antepassados, quando vai a Portugal para promover o traslado dos ossos dos avós.

2. José Fernandes (Zé Fernandes): Diferente de seu grande amigo Jacinto, é um homem rústico nascido na serra. Não se deixa contaminar completamente pelas idéias do amigo, mas sabe aproveitar-se do conforto e do luxo cultivados por ele. Apesar de ter estudado em Paris, sua educação é apenas superficial, porque se mantém preso a seus valores rurais.

3. Joanhinha: Moça simples e boa, nascida na serra. É prima de Zé Fernandes. Jacinto casa-se com ela.

4. Tia Vicência: Tia de Zé Fernandes, é uma senhora simples, boa e religiosa. Sua excelência na cozinha agrada não apenas o sobrinho, mas também Jacinto.

5. Grilo: Criado de Jacinto desde que este era menino, costuma aceitar todas as decisões do patrão sem reclamar. É um homem simples e ignorante, mas consegue definir sempre com precisão os estados de alma de Jacinto, para surpresa do narrador.

6. Outras personagens de Paris: Madame de Oriol, madame de Trèves, grão-duque Casimiro, Efraim etc.

7. Outras personagens da serra: D. Teotônio, Silvério, Melchior, Ana Vaqueira, Ricardo Veloso, doutor Alípio, Melo Rebelo, Gertrudes, tio Adrião etc.

7. ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O Realismo e o Naturalismo são dois estilos da segunda metade do século XIX, que reagem às idealizações românticas. Na prosa literária portuguesa, o Realismo e o Naturalismo não se separam nitidamente, o que acarreta a presença de passagens naturalistas em obras consideradas realistas. O Naturalismo radicaliza e intensifica a visão materialista, crítica e cientificista do mundo; volta-se para os aspectos mais sórdidos do comportamento humano, o que não ocorre no Realismo. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no episódio em que Zé Fernandes, frustrado por não encontrar mais a vulgaríssima madame Colombe em sua casa, come e bebe em demasia, terminando por vomitar tudo e esquecer a amante.

De modo geral, não há nas obras de Eça de Queirós o psicologismo que marcou a literatura realista. Em *A cidade e as serras*, as personagens são superficiais e

até mesmo dispensáveis. O autor não procura aprofundar-se na análise do material humano e detém-se mais no confronto entre a vida na cidade e no campo.

Outros aspectos do Realismo e Naturalismo podem ser observados na visão materialista do mundo e no anticlericalismo nitidamente demonstrados nas atitudes de Jacinto e Zé Fernandes no transcorrer da narrativa. Ao contrário do comportamento das duas personagens, a simplicidade e inocência de tia Vicência levam-na a crer cegamente na religião, chegando a acender duas velas para proteger os amigos depois de sua partida.

O estilo de Eça de Queirós é marcado por traços pessoais que não podem nem devem deixar de ser mencionados. Sua ironia corrosiva é um dos pontos altos de sua prosa e gera verdadeira paixão entre os leitores mais aficionados. A ironia, entretanto, não disfarça o forte pessimismo social de seus livros, que é outra forte herança realista. Os realistas não pretendiam reformar a sociedade com suas críticas contundentes e mordazes, mas apenas retratar a realidade. Não havendo, portanto, qualquer falso moralismo embutido nessas constatações.

Sem dúvida, a linguagem e o estilo são as características inconfundíveis da literatura de Eça de Queirós. A partir de construções sintáticas de acento nitidamente lusitano, consegue atingir uma graça e uma leveza que dão à sua prosa uma espontaneidade só conseguida com muito esforço. O emprego de estrangeirismos (principalmente expressões em francês), chega a parecer natural, quase espontâneo, graças à simplicidade e naturalidade das construções sintáticas.

A descrição minuciosa parece colocar o leitor dentro da cena, como uma personagem muda e atenta, recriando de forma viva o cenário e as personagens, que são de uma autenticidade indiscutível, ainda que se caracterizem, na maior parte, como meros tipos sociais. É belíssimo o efeito obtido pelas descrições, dando ao leitor uma completa visão da capacidade de o narrador apegar-se ao detalhe e tornar vivo o quadro em que se passa a ação. O cenário, seja natural ou não, nada deixa a desejar em termos de descrição minuciosa. Vale ressaltar que boa parte das descrições mostra a influência de Flaubert que utilizou uma técnica impressionista de construção de cenários. Eça capta cada ambiente através de uma perspectiva sugestiva de acordo com as personagens e seus estados.

7. PROBLEMÁTICA E PRINCIPAIS TEMAS

Não há como não perceber algo de autobiográfico em *A cidade e as serras*: muito de determinado perí-

odo da vida de Eça de Queirós está presente na construção desse romance. Suas vivências foram, pelo menos em parte, transpostas para a obra através de Jacinto e Zé Fernandes, como foi comentado em notas de rodapé. Os cenários descritos pelo narrador foram vistos pelo autor, que soube lhes dar vida e minúcias ao recriá-los na obra. Esta parece ter sido a de exaltar a beleza de sua terra natal e ressaltar os usos e costumes locais, suas comidas e bebidas típicas.

A construção das personagens, na primeira parte da obra, mantém a tendência caricatural que acentou a sátira queirosiana em sua segunda fase. Os nobres freqüentadores do 202 comportam-se com artificialismo, vestem-se e falam de maneira ridícula-mente afetada. São caricaturas sociais, personagens de fundo para ajudarem a tornar a vida de Jacinto insuportavelmente tediosa. As personagens da segunda parte escapam a essa visão maliciosa e ferina do narrador, que cede aos apelos emocionais e substitui a crítica maldosa por uma certa ternura e compreensão dos defeitos e dificuldades humanos.

Sem dúvida, o grande tema do livro é a comparação entre a cidade e o campo, na qual prevalece o elogio ao segundo. O grande sonho do grupo de escritores realistas encabeçados por Antero de Quental e Eça de Queirós era viver em Paris, a cidade e suas luzes, seu movimento constante, o progresso que a tudo e a todos move incessantemente. Todavia, eles descobriram uma outra Paris, marcada pela miséria e pelo sofrimento daqueles que sempre trabalharam para o bem-estar dos privilegiados. Os sonhos socialistas do antigo *Cenáculo* não foram esquecidos, mas frustrados pela realidade do grande centro urbano. Paris não lhes mostrou um cenário de justiça social e liberdade; pelo contrário, demonstrou claramente o agravamento das diferenças e distâncias sociais. Antero foi o primeiro a sofrer essa decepção e voltar para Portugal. A angústia de Eça veio mais tarde, depois de ter sido nomeado cônsul português na cidade. As personagens parisienses descritas na obra não foram conhecidas suas, já que sua casa não era freqüentada por pessoas locais ou literatos franceses, mas pelos compatriotas e brasileiros, como atesta Antônio Pousada em *Vida, Paixão e Morte de Eça de Queiroz*. Também Eça não encontrou a Paris de seus sonhos. Quanto ao sonho socialista da juventude, ele transparece nessa obra ironizado pelo discurso de José Fernandes, que termina cheio de fome e exige um bom vinho para molhar a garganta, já que o merecia por ter feito um belo discurso. Aliás, tudo não passa de bela oratória.

Esse sonho da justiça social parece realizar-se nas reformas empreendidas por Jacinto em sua proprie-

dade, melhorando a vida de seus empregados. Mas é bom lembrar que suas atitudes causaram verdadeiro espanto na população das serras, que a princípio não viu com bons olhos essas melhorias.

Vale ainda ressaltar a tendência nacionalista da obra que ultrapassa a mera descrição de cenário e costumes locais para retomar o miguelismo e o sebastianismo, já explicados anteriormente.

Outro tema importante é a crítica à vida moderna e aos confortos tecnológicos, ambos resultantes do progresso científico do século XIX. O elogio ao progresso é dominante na primeira parte da obra, mas as falhas dos “confortos” tornam evidente que a felicidade não é conquistada apenas por meio das máquinas, que não podem ou não devem preencher a vida humana, mas ser complemento ao estado de realização que deve vir de dentro do indivíduo.

Sem dúvida, embora *A cidade e as serras* não seja a obra-prima das obras produzidas por Eça de Queirós, encontram-se nela bons motivos para nos deleitarmos com a história desse Jacinto. Sem dúvida, nesse caso, o prazer da leitura nasce lentamente, pelo reconhecimento do estilo inconfundível de Eça de Queirós, com suas peculiares ironias, ou quando nos deparamos com metáforas absolutamente inéditas, não raro nascidas do emprego do próprio advérbio, ou ainda quando as trapalhadas de Jacinto e Zé Fernandes propiciam agradáveis gargalhadas. Além do mais, a obra é, indiscutivelmente, um pedaço desse mundo fictício, mas tão densamente real, surgido desse grande escritor que foi Eça de Queirós.

BIBLIOGRAFIA

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Int. Osmar Barbosa. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

POUSADA, Antônio. *Vida, paixão e morte de Eça de Queiroz*. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

Atividades

- 1 Por que se pode afirmar que, em *A cidade e as serras*, Eça de Queirós está empenhado em “ridicularizar o progresso técnico, embora o seu alcance efetivo diga antes respeito à ociosidade endinheirada e ao conceito de civilização como ‘armazenamento’ de comodidades”?
- 2 Que episódios da primeira parte de *A cidade e as serras* denunciam críticas aos problemas decorrentes da tecnologia na vida do protagonista Jacinto?
- 3 O criado Grilo afirma que Jacinto está enfasiado. De que maneira essa observação pode ser comprovada pelo

comportamento do protagonista de *A cidade e as serras* em seus últimos tempos em Paris?

4 Os exageros de Jacinto chegam a tal ponto que Zé Fernandes chega a ter um estranho sonho com os livros. Comente o que desencadeou o sonho do narrador e com o que ele sonhou.

5 Antes de partir para as serras portuguesas em Tormes, Jacinto despacha todo tipo de objeto que considera necessário para uma sobrevivência mínima durante sua estada. Também manda reformar a casa, consertar o telhado, colocar vidros nas janelas, arrumar o assoalho. Que incidentes tornam a chegada de Jacinto diferente dos planejamentos iniciais do fidalgo?

Leia o texto a seguir para responder à questão:

— Como a inteligência aqui se liberta, hem? E como tudo é animado de uma vida forte e profunda!... Dizes tu agora, [...], que não há aqui pensamento...

— Eu?! Eu não digo nada [...].

[...]

— A vida é essencialmente vontade e movimento; e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atinjam a sua expressão suprema, que é a forma. Não, essa tua filosofia está ainda extremamente grosseira...

— Irra! Mas eu não...

— E depois, menino, que inesgotável, que miraculosa diversidade de formas e todas belas!

QUEIRÓS, Eça de. *Op. cit.* p. 87.

6 Durante a leitura da passagem transcrita, percebe-se que uma das personagens faz um discurso favorável à vida no campo, enquanto a outra apenas se limita a defender-se de algo que nunca disse.

- Quem são as personagens que participam desse diálogo?
- Qual a posição de cada uma delas?
- O que causa estranheza à segunda personagem e ao leitor?

Respostas

- Eça de Queirós procura denunciar na figura do protagonista Jacinto uma visão canhestra da civilização como acúmulo de comodidades ou confortos. Jacinto é um indivíduo endinhe-

rado e infeliz, que se comporta de maneira absolutamente ridícula diante dos excessos tecnológicos que se acumulam em seu apartamento nos Campos Elísios: aparelhos inúteis e descartáveis, elevador para apenas dois andares e com biblioteca e divã; instrumento de culinária sem função; acúmulo de livros por todos os cantos etc. Nem mesmo toda a tecnologia do mundo será capaz de dar a Jacinto a felicidade e o prazer de viver pelo qual ele tanto anseia.

- Dois episódios comprovam o absurdo dos exageros tecnológicos de Jacinto e suas consequências desastrosas em sua vida. O primeiro dá-se com a explosão do cano ou torneira de vapor quente que quase queima o criado de Jacinto. O segundo episódio refere-se ao jantar em que falta energia elétrica e o peixe enviado especialmente pelo grão-duque Casimiro encaixa no elevador da cozinha.
- Jacinto está entediado e considera tudo uma “seca”, uma “maçada”, não mostra ânimo nem mesmo com seus aparelhos e afirma que não há livros para ler, apesar dos 30 mil volumes que se espalham por todos os espaços do palacete. Jacinto não tem ânimo para sair ou mesmo dar festas e receber os amigos. Considera todos os amigos uma “maçada”, com exceção de Zé Fernandes, e manda mesmo o empregado dizer que não está em casa no dia do próprio aniversário.
- Zé Fernandes corre para o banheiro com urgência e com as calças nas mãos, mas encontra a porta vedada por uma coleção de estudos sociais. À noite, encontra sete volumes de um dicionário na cama. Zé Fernandes sonha com uma Paris construída de livros. Depois sobe numa montanha e chega até o paraíso, onde avista Deus sorrindo ao ler uma edição barata de Voltaire.
- Apesar de todas as precauções, Jacinto chega a Portugal em abril, quando não era esperado antes de setembro pelo empregado Melchior. Primeiro toda a bagagem que acompanhara os dois amigos e também os criados desaparece na mudança de trens. Depois o fidalgo e Zé Fernandes são obrigados a subir a serra em animais alugados, porque ninguém os esperava na estação ferroviária. Finalmente, a casa não estava pronta para recebê-los e todas as encomendas enviadas de Paris através de uma transportadora foram parar na Espanha.
- As personagens são Jacinto e Zé Fernandes.
 - Jacinto mostra-se favorável à vida no campo, enquanto Zé Fernandes limita-se a defender-se de posições que nunca foram expressadas por ele.
 - O que causa estranheza no posicionamento de Jacinto é que ele nunca foi favorável à vida no campo, ao contrário, defendia a vida numa grande metrópole como a única forma de felicidade. Para Jacinto “a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da mecânica e da erudição”, era tudo uma questão de tecnologia e livros, muitos livros.